



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

ALBANISA COSTA NUNES

**A ÁREA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE-PB: DINÂMICA COMERCIAL
(1940- 2014)**

**CAMPINA GRANDE-PB
2015**

ALBANISA COSTA NUNES

**A ÁREA CENTRAL CAMPINA GRANDE-PB: DINÂMICA COMERCIAL
(1940-2014)**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de licenciatura
plena em Geografia da Universidade
Estadual da Paraíba, para conclusão de
curso.

Orientador: Prof. Dr. Antônio
Albuquerque da Costa

CAMPINA GRANDE-PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N972a Nunes, Albanisa Costa
A área central de Campina Grande-PB [manuscrito] :
dinâmica comercial (1949-2014) / Albanisa Costa Nunes. - 2015.
28 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2015.
"Orientação: Prof. Dr. Antonio Albuquerque da Costa,
Departamento de Geografia".

1. Comercio - Campina Grande 2. Feira Livre 3. Dinâmica
Espacial I. Título.

21. ed. CDD 380

ALBANISA COSTA NUNES

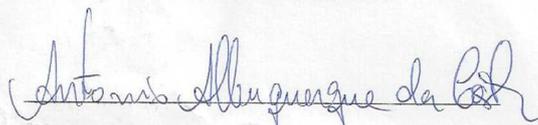
**A ÁREA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE-PB:
DINÂMICA COMERCIAL (1940 - 2014)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Geografia da Universidade Estadual da
Paraíba, em cumprimento a exigência para
obtenção do grau de Licenciatura Plena em
Geografia.

Aprovada em 02/12/2015

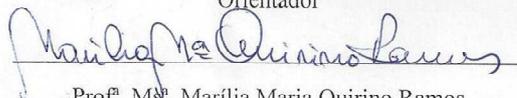
Nota _____

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa

Orientador



Prof. Ms. Marília Maria Quirino Ramos

Banca examinadora



Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde

Banca examinadora

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

1- CAMPINA GRANDE- PB: DE VILA PARA CIDADE COMERCIAL.....	2
1.1- Reforma urbana	6
1.2- A crise da década de 1980- As transformações e os calçadões tomados pelos camelôs.....	12
1.3- Requalificação do Centro comercial de Campina Grande.....	14
2- DINÂMICAS ATUAIS DO CENTRO DE CAMPINA GRANDE.....	19
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	23
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	25

NUNES, Albanisa Costa. A AREA CENTRAL DE CAMPINA GRANDE-PB: DINÂMICA COMERCIAL (1940-2014). UEPB. Departamento de Geografia. 2015.

RESUMO

O comércio de Campina Grande iniciou com os tropeiros, os quais ao trafegarem do Litoral para o Sertão, em suas paradas deram início as feiras que inicialmente eram de produtos de subsistência. A feira de mandioca teve grande importância na consolidação do comércio de Campina Grande a qual atribuiu importância ainda quando a cidade era um lugarejo. A pesquisa faz necessário ter uma introdução histórica sobre o início da formação do comércio de Campina Grande com suas feiras e posteriormente as mudanças espaciais ocorridas principalmente no centro da cidade, como a mudança na localização da feira e a reforma implantada por Vergíniaud Wanderley que pavimentou ruas e fez várias obras de grande importância na época como o Grande Hotel. E por último a crise passada nas décadas de 1970 e 1980. Na década de 1970 foi o declínio do comércio atacadista, na década de 1980 a cidade já passava por um processo de degradação. Mas uma mudança mais recente foi a requalificação do centro de Campina Grande com a retirada dos ambulantes das calçadas das principais ruas do centro de Campina Grande e os remanejando para o Shopping Centro Edson Diniz e para as Arcas Titão e Catedral. E por último as dinâmicas atuais do centro e em se tratando do centro de Campina Grande sabe-se conforme o recorte histórico, ela passou por crises principalmente nas duas últimas décadas do século XX, mas com todas as mudanças o centro de Campina Grande consegue se manter dinâmico e atualizado. O Objetivo geral da pesquisa e mostrar que mesmo com crises que o Centro passou, com a criação dos shoppings e com isso a descentralização de atividades comerciais com os mesmos o Centro de Campina Grande continua bastante ativo e dinâmico. A metodologia usada na pesquisa foi a seleção de algumas referências bibliográficas que deram suporte teórico e histórico também que foi através dos textos selecionados pode se fazer o recorte histórico da área em estudo. O resultado da pesquisa fica claro que mesmo com os shoppings e subcentros espalhados pela cidade e com todas as mudanças ocorridas na área central de Campina Grande o mesmo ainda é a principal área de comércio da cidade contribuindo muito para o desenvolvimento da cidade.

Palavras-Chave: comércio; dinâmica espacial; cidade; Campina Grande.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se propõe a analisar a dinâmica espacial da área Central de Campina Grande – PB, que mesmo com a descentralização através dos shoppings mantém intenso fluxo de pessoas sem apresentar o declínio que o levasse ao abandono apesar de ter passado por um processo de degradação no final do século XX. A dinâmica desta área central deve-se a variedade de comércios, serviços, preços e produtos ofertados que atraem diversos clientes das várias classes sociais, de vários bairros da cidade e até das cidades circunvizinhas.

Essa pesquisa busca responder ou pelo menos esclarecer algumas questões que chamam atenção do autor até mesmo por estar diariamente no centro da cidade, pois atualmente em algumas cidades o centro comercial é abandonado principalmente após a criação dos shoppings e dos subcentros espalhados pelas cidades.

Através das hipóteses levantadas, procurou-se selecionar algumas referências bibliográficas que deram suporte teórico, para fundamentar a pesquisa. Foi necessária a realização do recorte histórico do centro de Campina Grande, visto que o mesmo passou por transformações e sua história se mistura com a da cidade que teve sua origem comercial com a feira que no passado se instalava nas principais ruas da área central, neste aspecto os textos que tratam de seus vários recortes históricos foram fundamentais.

O texto encontra-se organizado em duas partes, na primeira parte é apresentado um recorte histórico de Campina Grande como sua fundação e as transformações ocorridas ao longo dos anos, a crise nas duas últimas décadas do século XX e a realocação dos ambulantes que se encontravam nas ruas para as ARCCAS (Áreas de Comércio e Cultura ao Ar Livre), galerias e shopping Centro Edson Diniz. Na segunda parte será abordado a fase atual do Centro, como estão organizados o comércio e serviços e como o mesmo consegue ainda atrair tanto as pessoas da cidade como as pessoas das cidades circunvizinhas. Tentando assim esclarecer as hipóteses levantadas.

1. CAMPINA GRANDE- PB: DE VILA A CIDADE COMERCIAL

O povoado que deu origem à cidade de Campina Grande surgiu no final do século XVII, tendo sido elevado à categoria de vila em 1790 e tornando-se cidade em 1864. Até o início do século XX, a cidade cresceu lentamente. Em 1907, quando da chegada do trem seu espaço urbano era bastante reduzido, com a cidade se estruturando em torno dos largos da Igreja Matriz, da Igreja do Rosário e do comércio novo, nos quais se desenvolviam todas as suas atividades sociais e políticas (COSTA, 2003).

A valorização do algodão no mercado mundial e conseqüentemente, na economia paraibana, fez com que houvesse a necessidade de ampliação do ramal da ferrovia ligando Itabaiana/Campina Grande. Com a conclusão das obras da ferrovia, houve o

impulsionamento mais expressivo da economia da cidade cuja tradição econômica sempre esteve baseada no comércio, portanto houve uma dinamização e consolidação desta atividade (COSTA, 2003).

A tradição do comércio de Campina Grande se iniciou basicamente com os tropeiros, que com sua passagem do Litoral para o Sertão, em Campina Grande (Agreste) encontraram um ponto de apoio para as tropas. Foi dessas paradas que começaram as feiras. Nas ruas passaram a se comercializar os produtos que eram originalmente da economia de subsistência. Em um tempo que os transportes eram feitos em lombos de burros e a acessibilidade aos produtores era muito difícil Campina Grande se constituiu como porta do Sertão graças a sua localização geográfica que a beneficiou, tal como mostra Sá (1986, p.190).

Observa Silveira (2009) que com a construção do Açude Velho a presença de água para saciar a sede dos tropeiros e animais foi importantíssima no desenvolvimento do comércio cuja origem se deu com a feira cuja primeira localização foi o Sitio das Barrocas (figura 1), e sua principal mercadoria vendida era a farinha de mandioca, produto que teve grande importância no suprimento de boiadeiros e tropeiros que passavam pela cidade.

O Açude Velho se tornou um símbolo de grandiosidade da cidade de Campina Grande pelo fato de o reservatório ser um dos motivos para a passagem dos tropeiros pela cidade, esses homens traziam com eles mercadorias e paravam em Campina Grande para descansar e nesse meio tempo que passavam na cidade começaram a desenvolver o comércio. (SILVEIRA, 2009, p.29).

Figura 1: Rua Vila Nova da Rainha.



Fonte: cgretalhos.blogspot.com.br Acesso em: 15/07/2014.

Foi a feira de mandioca, que atribuiu importância ao lugarejo. Esta feira surgiu no núcleo inicial da Rua das Barrocas e acompanhou a evolução do espaço urbano campinense, apresentado alternância entre períodos de declínios e de prosperidade (CÂMARA *apud* COSTA, 2009, p.19).

A farinha de mandioca foi de fundamental importância para economia local, o que levou Câmara (1999, p.28) a afirmar ter havido uma “civilização da farinha em Campina Grande, antes mesmo da civilização do couro” que caracterizou o semiárido nordestino (COSTA, 2003, p.22).

O abastecimento da feira era proveniente das casas de farinha que foram aparecendo em torno do lugarejo. Câmara (1997, p.27) “viu nessas casas de farinha o início da primeira indústria campinense a qual obtinha vantagens sobre os demais lugares, por não ter concorrentes [...]” (COSTA, 2003).

De acordo com Araújo (2010) a feira surgiu como ideia de comércio na Antiguidade. Porém o conceito de feira só passou a ser empregado a partir do século XV considerando a feira uma atividade comercial envolvendo relações de trocas, uma vez que foi verificada nas aldeias e cidades desse período as pessoas levarem suas mercadorias para serem trocadas.

Na Vila Nova da Rainha, os comerciantes ergueram suas residências ao redor da matriz, assim estavam perto da vida social e comercial da cidade. Se de um lado, a feira

das Barrocas teve um papel fundamental na implementação dos primeiros elementos citadinos, por outro lado foi a feira de gado, atraída pela centralidade da feira de farinha, que trouxe representação econômica e regional para a Vila Nova da Rainha, que no ano de 1864 foi elevada à categoria de cidade, e passou a ser denominada de Campina Grande, tal como observa Costa (2003, p.47):

A feira acompanhou toda história da cidade, advento dos diversos meios que se sucederam conservando elementos dos meios pretéritos, ao mesmo tempo em que absorvia as modernidades dos meios emergentes (COSTA, 2003, p.47).

A consolidação e o crescimento da feira das Barrocas com sua hegemonia na economia do município consolidam a primeira forma de comércio da cidade que Costa (2003) define como vocação de Campina Grande:

Surge, portanto em tal momento, a prematura vocação comercial de Campina Grande, que embora atendesse a anseios de um mercado açucareiro exportador, que estava diretamente relacionada a uma economia interna de abastecimento da população do interior da Paraíba, cuja produção se fazia de forma atrelada a monocultura da cana-de-açúcar (COSTA, 2003, p.24).

Segundo Sousa (2005) nas primeiras décadas do século XX têm-se a percepção do crescimento e desenvolvimento das atividades comerciais ligadas a uma imagem de cidade plástica e higiênica e foram esses fatores que desencadearam muitas mudanças no território de Campina Grande nas décadas de 1930 e 1940, e uma delas foi à mudança do local da feira que se espalhava pelas principais ruas do Centro de Campina Grande (figura 2) e foi transferida para o mercado novo. E esse fato é confirmado por Câmara ao dizer:

A feira de cereais da cidade, a maior do setentrião brasileiro e que nos sábados e quartas se realiza no centro da urbs, ocupando várias artérias da cidade (Ruas Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva, Princesa Isabel, Monsenhor Sales e Praças Eptácio Pessoa, Luz e Lauritzen) foi mudada pela municipalidade para imediações do mercado público em construção nas Piabas (CÂMARA, 1947, p.194).

Figura 2: Antiga feira de frutas, Rua Venâncio Neiva.



Fonte: Retalhos Históricos/ site: cgretalhos.blogspot.com.br acesso em: 15/07/2014.

Câmara (1947) *apud* Sousa (2005) afirma que, com a chegada de adventos como carros, a ferrovia e investimentos na indústria e comércio, o crescimento comercial e a diversificação dos grupos proprietários entre os anos 1920, e o início dos anos 1930, há uma redefinição na geografia do poder e da feira da cidade dentre as quais sua mudança de local.

A feira de cereais e a de farinha de foi de grande importância para o início do comércio de Campina Grande, sua mudança de local com a criação do mercado municipal e todas as reformas urbanas (como calçamento das principais ruas do centro) trouxeram e agregaram características ao comércio atual, na consolidação no CBD de Campina Grande.

1.1 REFORMA URBANA

Segundo Diniz (2009), Campina Grande, destaca-se no cenário regional como uma cidade cuja atividade é predominantemente comercial. Desde sua origem, na Rua das Barrocas, a cidade mantém esta característica, posteriormente agregando espacialmente as atividades de serviços no que é chamado Centro Comercial.

Para Portela e Melo (2012), os primórdios da construção da centralidade comercial campinense remetem ao seu processo de formação do núcleo inicial na Rua das Barrocas (atual Vila Nova da Rainha), local em que se instalou a feira, que depois migrou para o atual centro comercial, que na década de 1980 passou a ser permeado por comerciantes informais.

O comércio campinense teve grande impulso com a chegada do trem em 1907, e se fortaleceu com a expansão do automóvel nos anos de 1930, sempre acompanhado pelo movimento dos forasteiros. Nesta década o comércio campinense se destacava na modalidade atacadista que se localizava na Rua das Areias, hoje atual Rua João Pessoa, enquanto que a Rua Maciel Pinheiro se destaca com a comercialização de tecidos em grandes lojas (SOUSA, 2003, p.68).

As mudanças mais significativas ocorridas na cidade se iniciam a partir da década de 1930, nas principais ruas do Centro de Campina Grande, nas quais moravam tanta parte da sociedade mais abastada como os donos de casas comerciais, mas também parte pobre da população que moravam em cortiços. Mesmo com o crescimento econômico da cidade a sua organização espacial não mudou até a reforma urbana em suas ruas centrais promovidas pelo então prefeito Vergíniaud Wanderley, que administrou a cidade entre dezembro de 1935 a novembro de 1937 e entre agosto de 1940 e março de 1945. (SOUSA, 2005 p.302).

De início as reformas propostas por Vergíniaud seriam o alinhamento das ruas com meio fio, calçamento e construções de áreas de lazer como, por exemplo, a Praça da Bandeira. A destruição da antiga cadeia, em 1934, localizada na área central que foi transformada na aprazível Praça Clementino Procópio, e a construção de uma penitenciária pública no Monte Santo, área afastada do Centro.

Vergíniaud foi o principal idealizador do projeto de urbanização do centro de Campina Grande, o qual sofreu muitas críticas, Costa (2003):

Vergíniaud foi alvo de duras críticas ao desenvolver seu trabalho estruturante, porém, como a cidade estava vivenciando um crescimento econômico muito veloz graças ao comércio algodoeiro logo recebeu a compreensão da população (COSTA, 2003, p.46).

A reforma era uma medida que atingiu várias ruas, mas que teve maior repercussão ao ser implantada na Rua Maciel Pinheiro, a Rua Grande como era conhecida e o epicentro de Campina Grande. Nela morava a maior parte da elite proprietária e comercial da cidade, até pelo menos meados dos anos 1930. Ali também estavam localizados, desde as décadas iniciais do século XX, os primeiros cinemas os mais elegantes clubes sociais e o gabinete de leitura sete de setembro (SOUSA, 2003, p.68)

Sem dúvidas, na cidade de Campina Grande as mudanças ocorreram e foram percebidas e vivenciadas, pela população, com a transformação da paisagem urbana não apenas pelas modificações fisionômicas, mas também pela presença de outros símbolos deste processo, como os caminhões e automóveis que passaram a disputar o espaço das ruas da cidade com animais de carga e pedestres que, ainda, não haviam incorporado esses valores modernizantes como estruturantes em suas vidas (CABRAL FILHO, 2007, p.212).

Câmara (1998) mostra que desde o início do século XX, Campina Grande já começou a experimentar e conviver com alguns equipamentos de natureza moderna. A elite campinense vivia um clima favorável a grandes expectativas modernizantes, proporcionadas por alguns símbolos modernos com os quais estavam convivendo.

Cabral Filho (2007) diz que foi a partir do modelo de matriz europeu que o prefeito Vergíniaud Wanderley impôs à paisagem campinense, mudanças como a pavimentação a paralelepípedos da Rua Venâncio Neiva pois a cidade já não poderia conviver mais com lama e os buracos que, além de comprometerem aspectos de embelezamento da cidade, apresentava-se como um empecilho ao trânsito de veículos e das pessoas. Nas calçadas da Rua o movimento da população era intenso nos seus deslocamentos justificando as projeções de grandeza que os letrados de Campina Grande lhe atribuíam, feito que ocorrera em outras ruas da cidade tais como na Avenida Floriano Peixoto em cuja foto de 1942 pode-se ver uma imagem da cidade em pleno processo de ebulição popular pela rua (figura 3).

Figura 3: Avenida Floriano Peixoto, por volta de 1942.



Fonte: Acervo: Dr. Severino Bezerra de Carvalho. Acesso em 09/06/2014.

Para Cabral Filho (2007), o palácio da prefeitura (figura 4) que foi construído a partir de orientação arquitetônica moderna, assim como o Grande Hotel (figuras 6 e 7), parecia desafiar os casarões dos velhos oligarcas, donos do poder até pouco mais de uma década. A nave da prefeitura significava o novo centro de um novo poder.

Figura 4: Antiga prefeitura de Campina Grande.



Fonte: cgretalhos.blogspot.com.br/ acesso em 10/10/2014.

O prédio que era a prefeitura de Campina Grande, depois acolheu a câmara municipal em 2003 passou a abrigar a biblioteca municipal Félix Araújo figura 5.

Figura 5: Biblioteca Félix Araújo.



Fonte: cgretalhos.blogspot.com.br / acesso em 10/10/2014.

Figura 6: A construção do Grande Hotel na Avenida Floriano Peixoto.



Fonte: Retalhos Históricos / Site: cgretalho.blogspot.com.br / acesso em 15/07/2014.

Figura 7: Antigo Grande Hotel e atualmente sede da prefeitura de Campina Grande.



Figura: Retalhos Históricos/ site: cgretalhoss.blogspot.com.br/ acesso em 15/072014.

As mudanças corridas nas principais ruas do Centro que antes abrigavam os casarões dos oligárquicos (figura 8), foi o marco inicial para a modernização de Campina Grande, pois com a grande ascensão econômica a qual a cidade estava vivendo era de suma importância uma reforma estruturante (figura 9) capaz de atrair investimentos e visitantes e foi o que fez Vergíniaud.

Figura 8: Rua Maciel Pinheiro na Década de 20 do século XX.



Fonte: Retalhos Históricos/ site:cgretalhos.blogspot.com.br/acesso em 30/11/2014.

Figura 9: Rua Maciel Pinheiro após o calçamento da mesma.



Fonte: Retalhos Históricos/ site: cgretalhos.blogspot.com.br/ acesso em 30/10/2014.

Um dos fatores que contribuiu para o fortalecimento da função comercial de Campina Grande foi a implementação da eletrificação (figura 10), que ocorreu em 1920, bem como o abastecimento de água, efetivado em 1939. Embora pareça elementar, mas a inserção dessa infraestrutura foi fundamental, aquele tempo, para efetivação de Campina Grande como Centro comercial.

Figura10: A chegada da luz elétrica a Campina Grande em 1920.



Fonte: Retalhos Históricos/ site: cgretalhos.blogspot.com.br/ acesso em 30/11/2014.

Na década de 1940, a cidade tomava feição de *urbs* moderna com a construção de edifícios e com reformas urbanas, marcos de uma cidade dinâmica. Já na década de 1950, a sua importância como centro redistribuidor de produtos do sul do país e de outras regiões como o sertão da Paraíba, de Pernambuco, da Bahia, do Piauí, do Ceará e, até mesmo, do estado do Maranhão, registrando inclusive a dificuldades da formação de uma base produtiva de cunho industrial. Essa posição de centro redistribuidor era contrastada com a quase inexistência de infraestrutura de abastecimento d'água e de fornecimento de energia elétrica, que dificultava a sua inserção na dinâmica industrial. Contudo, a vitalidade do crescimento e o ritmo do comércio eram ressaltados pelo movimento das ruas, do comércio atacadistas. Como centro comercial regional, a feira de Campina Grande é um bom exemplo de sua dinâmica (CARDOSO, 2002).

Nos anos de 1960, Campina Grande começa a apresentar, em relações a suas transações comerciais, indícios de declínio. Ainda na década de 1960, inicia-se outra reestruturação da cidade no que diz respeito ao conjunto de sua economia, e sua participação como centro de distribuição. (CARDOSO, 2002 op.cit).

Nos anos de 1970, Campina Grande passa por grandes transformações na sua organização espacial. Ocorreu a descentralização de algumas atividades econômicas e a primeira foi atividade industrial com a criação do Distrito Industrial ainda nos anos 60. (COSTA, 2003).

1.2- A CRISE DA DÉCADA DE 1980- As transformações e os calçadões tomados pelos camelôs.

Diniz e Castilho (2009) dizem que a cidade de Campina Grande começou a conviver com importantes inovações técnicas a partir da implantação da via férrea, em 1907. A presença deste objeto técnico-mecânico impulsionou o crescimento do comércio algodoeiro da cidade, tornando-a um importante pólo exportador deste produto o qual se valorizava continuamente como *commodity*. Desde então, houve um forte crescimento urbano em Campina Grande, em poucas décadas, principalmente ao longo dos anos de 1940 aos de 1960, quando as rápidas e modernas mudanças ocorridas na economia da cidade, transformou-a num grande centro comercial da região e posteriormente num importante centro de serviços.

Após o declínio do *boom* do algodão, todos os setores de atividades comerciais de Campina Grande entraram em crise, fazendo com que a cidade passasse a crescer num ritmo mais lento, porém mantido através do comércio, sobretudo varejista bem como da prestação de serviços especializados (SÁ, 2000, p.184).

Face ao declínio do comércio atacadista, a partir dos anos de 1970, a cidade foi se reestruturando através do setor de serviços que cresceu e passou a desempenhar uma função importante na economia da cidade. Campina Grande buscou manter sua liderança regional, investindo, principalmente, nos serviços especializados de saúde, educação e tecnologia. A cidade insere-se num novo meio geográfico, um meio informacionalizado de intenso avanço tecnológico e científico.

A presença dos vetores da modernização contemporânea em Campina Grande, ocorreram através das inovações implementadas, principalmente após a década de 1960, o que pôde ser constatado, quando o seu forte e tradicional comércio atacadista, responsável então pelo crescimento econômico da cidade deixa de representar este importante papel e a cidade se reestrutura economicamente.

Costa (2003) nos mostra que, o centro da cidade já passava por um processo de degradação nos anos de 1980, e que não apresentava mais as características com as quais fora planejado nos anos de 1940, quando as pessoas iam para lá nos finais de semana para passear e contemplar as lojas que expunham vitrines bem ornamentadas. Este centro comercial de Campina Grande fazendo este papel de “shopping” agregando as funções de comércio e lazer se deu até meados dos anos de 1960.

As décadas de 1980 e 1990 marcam um processo de grande transformação da área central, que embora mantivesse suas funções, principalmente comercial e bancária que são funções diurnas à noite apresentavam algumas de suas ruas praticamente desertas, como o maior movimento de pessoas limitando-se aos pontos de ônibus o que no período de férias escolares diminui bastante, pois a área central tem poucas residências (COSTA, 2003).

O autor supracitado observa que o centro da cidade passou por profundas transformações ao dizer que:

A década de 90 se caracterizou pelos fechamentos de lojas consolidadas e pontos de referência no comércio da cidade, como o Armazém do Norte, casa José Araújo, mas também lojas de departamentos, que representaram uma nova dinâmica para o comércio campinense nos anos 1980, como foi as Casas Pernambucanas e Lojas Brasileiras que deixaram de existir no final da década de 1990 (COSTA, 2003, p. 6).

Costa (2003, p. 67) descreve bem as dinâmicas das Ruas João Suassuna e João Pessoa.

A Rua João Suassuna especializou-se no comércio de automóveis e de peças mecânicas, mas também é conhecida como rua dos agiotas e apresenta territorialidades que mudam do dia para noite. A Rua João Pessoa tem mudado de função ao longo dos anos, ela foi a Rua que acolheu o comércio atacadista em uma fase áurea, principalmente comércio de estivas, e com o decorrer dos anos a Rua João Pessoa se setorizou, com lojas de materiais de construção, lojas de ferragens, madeiras, lojas de aviamentos e no trecho inicial como expansão bancária, e atualmente apresenta lojas de móveis e eletrodomésticos (COSTA, 2003, 67).

Apesar do processo de degradação, o centro não foi esquecido pela população, como acontecia em outras cidades, apesar de apresentar forte concentração de atividades diurnas e tem poucas atividades noturnas e são poucas as pessoas que residem na área.

Ainda de acordo com Costa (2003):

O centro comercial de Campina Grande passou nas décadas de 80 e 90 por um processo de degradação, o que contribuiu para emigração das lojas mais sofisticadas, e o comércio que permanecia se popularizava, e com a popularização as ruas passaram a ser ocupadas por camelôs e os prédios em art decó sem manutenção foram se depreciando, com fachadas cobertas por placas metálicas ou de PVC, mas com a crise econômica que se abateu sobre a cidade e o seu comércio, houve pouca alteração da arquitetura do centro comercial (COSTA, 2003, p.67).

Um dos reflexos dessa crise foi a invasão das ruas centrais de Campina Grande pelos camelôs, o que passou a ser uma questão polêmica, pois ao mesmo tempo em que a população queria as calçadas de volta e que os comerciantes se sentiam prejudicados em seus negócios, havia ainda uma parte da população que se sensibilizava com a causa dos camelôs que buscavam sobreviver honestamente.

1.3 Requalificação do centro comercial de Campina Grande.

Para Carvalho (2010) o processo de requalificação do centro comercial se inicia em julho de 1993, ao ser lançado a proposta “O centro aberto é negócio certo” e que consistiu na abertura e retirada dos ambulantes dos calçadões das Ruas Maciel Pinheiro, Venâncio Neiva e a reforma do calçadão da Cardoso Vieira, todas com intuito de proibir a permanência dos ambulantes ver figuras 11 e 12.

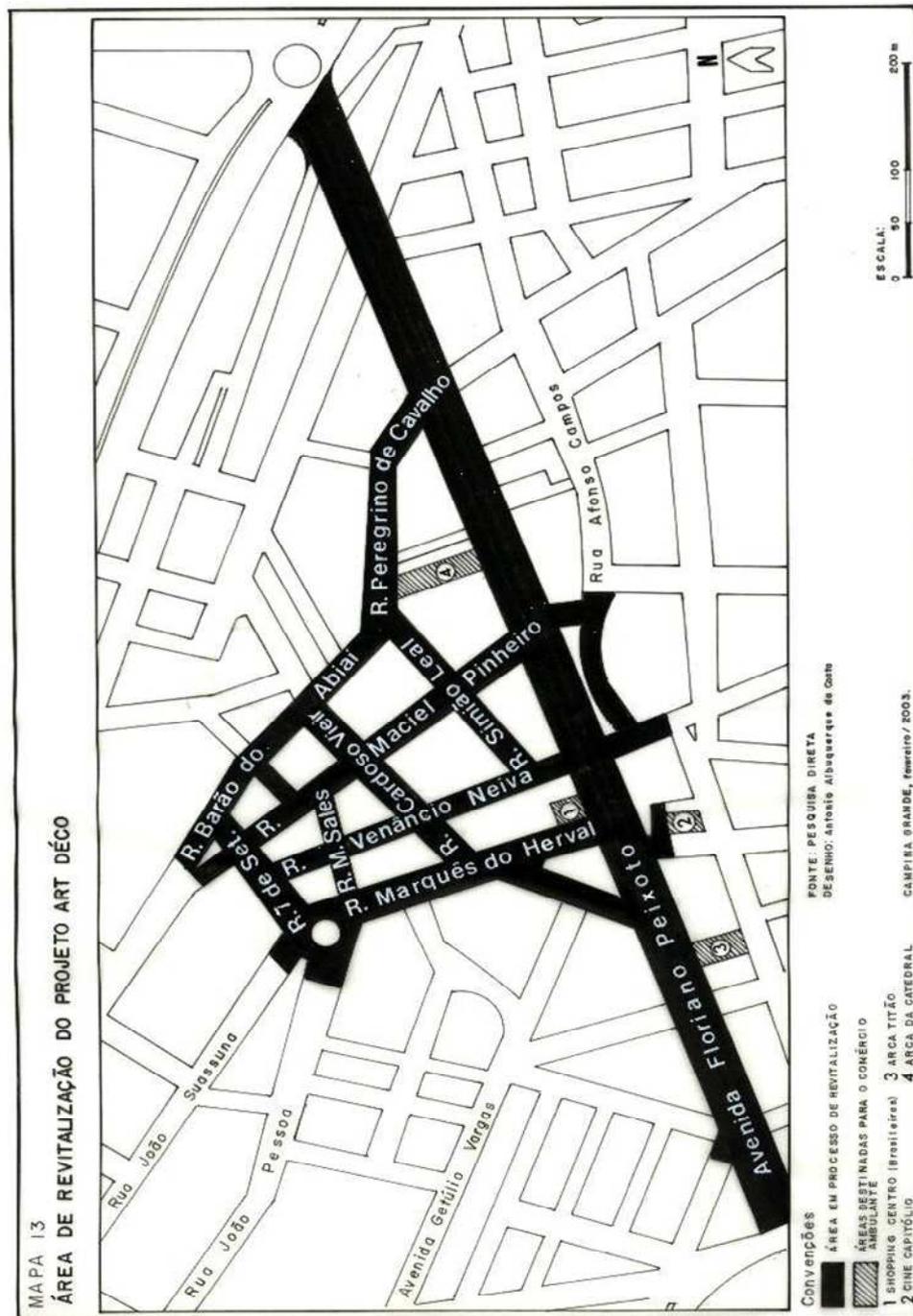
Figura 11: Comércio ambulante na Rua Cardoso Vieira em 2001. Figura 12: Comércio de raízes na mesma rua em 2001.



Fonte: Costa, Antonio Albuquerque Nov./2001. Fonte: Costa, Antonio Albuquerque Nov./2001.

Em outubro de 1996 foi lançado outro projeto “O Campina Grande Decó” (figura 13), com suas obras concluídas em janeiro de 2002, com a retirada dos ambulantes dos principais pontos do centro da cidade, esse projeto propunha a reforma de 150 prédios em Art Decó localizados no centro da cidade. Para isso foram criados as ARCCAS (Áreas de Livre Comércio e Cultura ao Ar Livre) e o Shopping Centro Edson Diniz, onde os ambulantes deveriam estabelecer suas práticas econômicas ver (figuras 13 e 14).

Figura 13: Mapa da Área de revitalização do projeto Déco.



Fonte: COSTA (2003) / Desenho: Antônio Albuquerque da Costa (2003).

Figura 14: Shopping Centro Edson Diniz.



Fonte: Retalhos Históricos/ site: cgetalhosblogspot.com. br/ Acesso em 16/09/2014

Figura 15: Arca Titão.



Fonte: Lincoln da S. Diniz. Jul./ 2008.

A mudança de perfil urbanístico do centro e a recuperação das fachadas de prédios remanescentes do período Decó, em sua maioria localizada nas Ruas Maciel Pinheiro, Monsenhor Sales e Venâncio Neiva e a realocação dos ambulantes, trazia a concepção de resgate e preservação dos prédios em Art Decó, com a intenção de tornar o centro histórico em local de permanente visitação. O crescente acirramento do conflito entre ambulantes e poder público ganhou proporção em frequência e abrangência, pela formulação de uma intervenção do poder público que se delineou fundamentalmente com requalificação do centro da cidade.

Segundo Carvalho (2010), requalificar o centro, em conjunto com outros investimentos, naquele momento, instalados na cidade como o Shopping Iguatemi,

instalação da Coteminas e outras novas indústrias em Campina Grande, era sinônimo de “fazer o centro reviver e Campina Grande se reencontrar consigo mesma” em sua vocação econômica, cultural e com desenvolvimento desejado por segmentos do comércio formal. Em entrevista ao Caderno Cidades o então prefeito Cássio Cunha Lima disse:

(Sic) A revitalização promete mudar o perfil urbanístico do centro de Campina Grande, uma vez que envolve um trabalho de resgate e preservação do casario em art decó, visando transformar o centro num espaço de permanente visitação e dessa forma consolidar de vez o potencial turístico de Campina Grande. A obra foi iniciada pela construção das Áreas de Comércio e Cultura ao Ar Livre (ARCCAS), onde serão instalados os vendedores ambulantes que hoje ocupam as calçadas do centro. (CÁSSIO, Caderno Cidades, 19 de abril de 2000).

Essa “revitalização” é pensada como uma “limpeza do centro” onde a imagem de Campina Grande passa a revelar o seu comércio mais tradicional como força histórica que necessitaria ser reforçada, em contraposição ao comércio popular que deveria ser extinto das ruas. O foco da “revitalização” é marcado como necessidade em solucionar o problema dos ambulantes pelo reforço de uma imagem da Campina Grande “nobre”, do centro reinventado e da reativação do comércio.

2- Dinâmicas atuais do Centro de Campina Grande

A degradação de áreas urbanas centrais é um fenômeno bastante comum em cidades com o crescimento urbano de grande e médio porte. As áreas centrais começam a ser substituídas por outras áreas da cidade na função de centro de atração de investimentos e de setores mais dinâmicos. Com a perda da importância relativa do centro, não só os investimentos privados diminuem, mas, em muitos casos, os investimentos públicos também são direcionados para outras áreas, especialmente quando os governos municipais atrelam suas ações aos interesses da sociedade. As áreas centrais contam com infra-estrutura já instalada, mas, que passa a ser subutilizada. Todos esses fatores descritos acima ocorrem quando áreas centrais perdem sua importância em sua maioria devido à descentralização de atividades comerciais e de serviços e criação de shoppings.

Corrêa (1993) diz que a descentralização está associada ao crescimento da cidade, tanto em termos demográficos como espaciais, ampliando as distâncias entre a

área central e as novas áreas residenciais, a competição pelo mercado consumidor, por exemplo, leva as firmas comerciais a descentralizarem seus pontos de vendas através da criação de filiais nos bairros, o autor ainda afirma que em se tratando de descentralização do setor de comércio e serviços, gerou um complexo conjunto de núcleos secundários.

Em se tratando da área central de Campina Grande sabe-se conforme o recorte histórico que se traçou, que ela passou por crises principalmente nas duas últimas décadas do século XX, mas como em Campina Grande o que aconteceu foi que a população não abandonou o centro, mesmo com todas as mudanças, o mesmo consegue se manter dinâmico e atualizado. Cardoso (2002) afirma que:

Apesar da deterioração da economia local nos últimos anos, sua função comercial ainda apresenta relevância na cidade que, em suas dimensões e em seus aspectos, resulta de uma concentração de produtos, de população, de atividades em ponto de passagem e de contato entre regiões. (CARDOSO, 2002, p. 41)

Para Corrêa (1993) a área central constitui-se no foco principal não apenas da cidade, mas também de sua hinterlândia. Nela concentram-se as principais atividades comerciais, de serviços, da gestão pública e privada, e os terminais de transportes inter-regionais e intra-urbanos.

Conforme observa Corrêa (1993) o aparecimento dessa área central se deve as demandas espaciais do capitalismo em sua fase concorrencial, onde a localização central constituía-se em fator crucial na competição capitalista. A área central é assim, em grande parte, um produto da ação dos proprietários dos meios de produção e dos grandes comerciantes. E segundo Santos (1993) a tendência na atualidade da área central é a redefinição funcional.

Segundo Corrêa (1993) as áreas centrais de muitas cidades passaram por uma redefinição funcional e social, trata-se de sua transformação em local de comércio e serviços, em muitos casos aqueles do circuito inferior, para uma população pobre.

Portela e Melo (2012) nos dizem que a centralização do comércio ocorre à medida que são atendidas as necessidades de consumo da população em um só local.

O comércio varejista moderno de Campina Grande começou a tomar mais impulso a partir dos setores públicos e privados. A importância de Campina Grande como Centro comercial varejista moderno explica-se, também pela presença expressiva

de empresários, profissionais liberais e classes sociais com significativo poder de compras. Verifica-se também, uma capacidade de créditos, permitindo, assim, utilização maior do crédito institucionalizado, favorecendo a implantação e expansão de modernas estruturas de comércio de novos espaços de consumo.

Diniz e Castilho (2009) afirmam que apesar do expressivo e crescente comércio varejista da cidade, nos últimos anos, principalmente após a instalação do shopping center na década de 1990, o centro tradicional do comércio campinense mantenha-se ainda bem diversificado, apresentando, desde as lojas populares (de roupas, de produtos importados, etc.) a lojas de artigos mais finos (lojas de grife e artigos de luxo). O centro urbano de Campina Grande há ainda algumas áreas valorizadas pela classe mais abastada da cidade, que ainda encontra neste espaço ambientes requintados de consumo e habitação.

Conforme observa Diniz e Castilho (2009) o sucessivo crescimento econômico de Campina Grande, fez do seu espaço urbano um amplo Centro Comercial no interior da região Nordeste do Brasil. A descentralização do capital comercial e a entrada de novos capitais na cidade tornaram o lugar um espaço mais complexo, resultando no aparecimento de vários núcleos modernos de atividades dispersos em diferentes pontos da cidade.

Em Campina Grande, segundo o estudo do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos), o comércio detém o segundo maior número de trabalhadores formais da cidade com cerca de 20 mil trabalhadores com carteira assinada, o que representa 21,12% do total de empregados na cidade, perdendo apenas para o setor de serviços que possui 35.832 trabalhadores.

Campina Grande ao se tornar uma cidade comercial passou a atrair grande massa populacional e por dispor de uma gama de serviços, hospitalares, varejistas, atacadistas, consegue através dessas ofertas ocasionar a migração de pessoas das diversas regiões circunvizinhas que conseguem suprir suas necessidades neste Centro.

O Centro de Campina Grande atende a consumidores e comerciantes da cidade, assim como também de cidades circunvizinhas e até atrai estrangeiros, a exemplo das lanchonetes que tem como proprietários descendentes orientais, além de ambulantes que atuam no comércio central com vendas de calçados, confecções e acessórios tais

imigrantes trabalham como ambulantes, fazendo assim parte na população comerciante da nossa cidade.

O centro da cidade é sem dúvidas o principal local de troca e vendas. As ruas do centro estão ocupadas com seus comércios de acordo com o estilo, disponibilidade, e seu ramo de empreendimento. Encontra-se o comércio de calçados, roupas, óticas, material de construção, eletroeletrônicos, informática, bancos dentre outros, todos de forma espacial específica. Portanto, na área central da cidade de Campina Grande observa-se grande diversidade comercial e ao mesmo tempo a formação de áreas coesas.

Para Corrêa (1993) coesão se define como “um processo que leva as atividades a se localizarem juntas. Mesmo sendo de natureza distinta, estão localizadas juntas umas das outras, formando um conjunto coeso que pode induzir o consumidor a comprar outros bens que não faziam parte de seus propósitos”. Exemplo o comércio varejista da área central. E isso ocorre sim no comércio da área central de Campina Grande exemplo disso é a Rua Maciel Pinheiro encontram-se lojas de confecções, sapatos, acessórios e também serviços que servem a população como as lanchonetes.

O processo de coesão ainda traz como consequência a criação de áreas especializadas, tanto na área central como em outras áreas da cidade, um exemplo dessa característica em Campina Grande a Rua João Pessoa que tem setores especializados em eletrodomésticos e móveis outro exemplo a Rua João Suassuna que se especializou no comércio de automóveis e de peças mecânicas.

A Rua Maciel Pinheiro uma das principais ruas do comércio do Centro de Campina Grande e é em sua maioria de lojas de confecções, calçados, farmácias entre vários outros comércios e serviços encontram-se na mesma e essa e mais uma das características do dinamismo do comércio do Centro de Campina Grande.

Considerações finais

O comércio de Campina Grande- PB é um dos setores mais fortes de sua economia e acompanha todo o processo de formação econômica e social da cidade motivo pelo qual se desenvolveu a pesquisa.

As atividades comerciais se iniciaram na cidade assim com a história da mesma, e desde sua fundação a área comercial de Campina Grande vem se desenvolvendo, sobretudo com a chegada do trem em 1907 que trouxe grande desenvolvimento para a cidade.

Com o declínio no comércio do algodão, Campina Grande continuou crescendo agora em um ritmo mais lento por conta do comércio atacadista. Visto que a área Central passou por várias mudanças a primeira reforma feita pelo prefeito Vergíniaud Wanderley, depois vieram as crises enfrentadas nas duas últimas décadas do século XX. Que trouxe para as ruas do centro os ambulantes que tomaram as calçadas das mesmas, ai tem uma nova reformulação na área central a fim de retirar os ambulantes das calçadas para estas ficarem livre para o acesso dos pedestres e os realocarem nas ARCCAS e no Shopping Edson Diniz.

Mesmo com todas estas transformações estruturais e sociais o centro de Campina Grande continua dinâmico e se reformulando com novos comércios, mesmo em tempo de shoppings. Mas em Campina Grande o shopping ainda é visto como local de pessoas de classe média e alta e não da população pobre, pois a maioria das lojas que encontramos são lojas de grifes. Desta forma o centro consegue atrair os dois públicos, pois se encontra tanto o comércio popular e também lojas mais sofisticadas as boutiques, e também alguns serviços de grande importância para população.

Sem dúvidas o centro e suas atividades comerciais continuam bem dinâmicos e contribuindo muito para economia do município com geração de empregos e renda já que o comércio só perde para o setor de serviços no tocante a com profissionais com carteira assinada.

NUNES, Albanisa Costa. THE AREA CENTRAL CAMPINA GRANDE-PB: TRADE DYNAMICS (1940-2014). UEPB. Department of Geography. 2015.

ABSTRACT

The origin of Campina Grande trade had started with the drovers, who with his passing from the coast to the interior, which began with their stops fairs beginnings as a subsistence products. The fair was very important in the consolidation of Campina Grande was the fair trade of cassava that attached importance even when the city was a village. Start the search with a historical introduction about the early formation of

Campina Grande trade with its fairs and subsequently spatial changes occurred mainly in the city center, as the change in location of the fair and the reform implemented by Verginiaud Wanderley that paved streets and He made several works of great importance at the time as the great hotel. And finally the last crisis in the 70s and 80s, in the 70s was the decline in wholesale trade, in the 80s the city has experienced a process of degradation. But a more recent change has been the rehabilitation of the center of Campina Grande with the removal of street sidewalks of the main streets of the center of Campina Grande and relocating to the Shopping Center Edson Diniz and the Arcas Titão and Cathedral. Finally the current center dynamic, and when it comes from the center of Campina Grande is known as the historical period, she underwent crises especially in the last two decades of the twentieth century, but with all the changes the center of Campina Grande can remain dynamic and updated. The overall objective of pesquisa and show that even with the crises that the centers has with the criation of the malls and with it the decentralization of business activities with the same center remains very active ande dynamic. The methodology used in the reseach was the selection of some references that gave theoretical support was trough thes texts that can make the historical period of the study area. The result of the reseach is clear that even with the sub- centers end malls around the city and with all the changes in the central ares of Campina Grande the same is still the main city trade area contributing much to the development of the city.

Keywords: trade; spatial dynamics; city; Campina Grande.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Giovanna de Aquino Fonseca – **As feiras como espaços públicos de sociabilidade, representação e desenvolvimento para urbes Ibéricas e Americanas.** Artigo, XII Colóquio Ibérico de Geografia, Faculdade de Letras (Universidade do Porto), 2010.

CABRAL FILHO, Severino. – **As cidades na fotografia:** uma experiência modernizante em Campina Grande- PB (1940-1944), artigo, Revista de Ciências Humanas e Artes. V.13, n.2, jul./dez., 2007.

CÂMARA, Epaminondas. – **Datas Campinenses.** Campina Grande; Caravela, 1998.

CARDOSO, Carlos Augusto de Amorim. – **A cidade cogumelo:** Campina Grande das feiras às festas. Mercator – Revista de Geografia da UFC, ano 01, número 02, 2002.

CARVALHO, Maria Jackeline Feitosa. – **Discursos da Revitalização** – o ‘projeto Campina Grande déco’: ‘revitalizar’ o centro; ‘transferir’ os ambulantes; “Campina Grande de cara nova”? Artigo, Universidade Estadual da Paraíba, UEPB, 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**, 2ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

COSTA, Antônio Albuquerque. – **Sucessões e coexistências do espaço Campinense na sua inserção ao meio técnico- científico- informacional**: a feira de Campina Grande na interface desse processo. Dissertação apresentada ao departamento de Geografia, Universidade Federal de Pernambuco, 2003.

DINIZ, Lincoln da Silva e CASTILHO, Cláudio Jorge Moura de. – **Faces atuais do espaço comercial em Campina Grande/ PB**: Algumas considerações sobre a coexistência de formas modernas e tradicionais do comércio na ‘nova’ dinâmica sócio-espacial. Artigo, Revista de Geografia. Recife: UFPB, v.26, nº 2, mai/ago.2009.

MARTINS, Fábio Antônio da Silva. **Organização do Espaço da Avenida Presidente João Pessoa no Centro de Campina Grande - PB como Reflexo da Dinâmica Econômica** [manuscrito]: / Fábio Antônio da Silva Martins – 2011.

OLIVEIRA, Júlio César Mélo de. – **Campina Grande: a cidade se consolida no século XX**. Monografia (graduação em Geografia) João Pessoa- PB. UFPB, 2007.

PORTELA, Wagnelle Vital, e MELO, Josandra Araújo Barreto. – **Análise dos processos espaciais de centralização do comércio de Campina Grande, PB**. Revista de Geografia (UFPE) v.29, nº 3, 2012.

SÁ, Maria Braga de. – **Algumas considerações sobre o papel de Campina Grande na rede urbana paraibana**. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba, 1986.

SILVEIRA, Regina Paula Silva da. – **Exorcizando os medos em Campina Grande**: Elpidio de Almeida e sua História da cidade. Bacharelado em História, Campina Grande: UFCG, 2011.

SOUSA, Fábio Gutenberg Ramos Bezerra. – **“Territórios promíscuos”**: a feira de Campina Grande (1920- 1945). Artigo, Vivência, n.29,2005.